

SOBRE O ESTATUTO DOS MILAGRES EM HUME E SPINOZA

Aline Souza de Lima¹; Juan Adolfo Bonaccini²

¹Estudante do Curso de Filosofia- CFCH – UFPE; E-mail: alinefilo27@hotmail.com

²Docente/pesquisador do Depto de Filosofia – CFCH – UFPE. E-mail: juan.bonaccini@ufpe.br

Sumário: O trabalho em questão trata-se de uma continuação da pesquisa anterior, a saber, Acerca da possibilidade dos milagres em Spinoza e Hume. Na pesquisa anterior analisamos os argumentos de Baruch de Spinoza e David Hume no que tange a ocorrência nos milagres. Nesta segunda pesquisa, tratamos de analisar a discussão levantada por Robert Fogelin, na qual Hume parece admitir a ocorrência dos milagres.

Palavras-chave: estatuto dos milagres; Hume; Spinoza

INTRODUÇÃO

De acordo com resultado parcial da nossa pesquisa em curso, havíamos demonstrado os dois argumentos que Hume utilizou para atacar a improvável possibilidade de acontecerem milagres capazes de violar o curso ordinário da natureza (i), quanto a baixa confiabilidade da maioria dos relatos com que contamos para atestar os supostos milagres (ii). Em um dos textos utilizados na pesquisa anterior, a saber, "What Hume Actually Said About Miracles", Robert Fogelin comenta a famosa interpretação tradicional, segundo a qual Hume *não apresenta um argumento a priori para mostrar que os milagres não são possíveis* (i) *nem para mostrar que o testemunho, por mais forte que seja, nunca seria razoável o suficiente para nos fazer acreditar que um milagre teria ocorrido*(ii). Em relação à primeira parte (i), podemos atestar sua incoerência apoiados na afirmação de Hume, que "[...] a prova contra a um milagre, pela própria natureza do fato, é tão cabal quanto qualquer argumento imaginável derivado da experiência." ¹, o que implicaria uma contraposição de "provas", a qual deve ser decidida com base na experiência passada e na evidência mais provável. Assim, podemos afirmar que a experiência uniforme equivale a uma prova direta e cabal contra a existência de um evento miraculoso: essa prova não pode ser destruída, nem o milagre se tornar crível (ii). Em relação à (ii), assim, pareceria que devemos negar a veracidade dos testemunhos, ou pelo menos a força de sua evidência, com base no resultado da evidência fornecida pela experiência da regularidade (i).

Entretanto, em 2003 foi publicada pela Princeton University Press uma nova versão de estudos de Fogelin sobre a crença de Hume nos milagres. Nela, Fogelin defende o contrário do que foi defendido até o momento e toma posição contra interpretações contrárias como a de Flew. Fogelin afirma, nesta versão, que Hume não ponderou a chance de um evento miraculoso ter ocorrido durante toda história da humanidade, e que nunca negou inteiramente a *possibilidade* dos milagres. De acordo com o primeiro argumento contra a existência dos milagres, Fogelin argumenta que em determinadas situações quando pondera as provas para atestar um milagre, Hume não reivindica que o teste reverso tem prioridade sobre o teste direto, ou que é insuficiente para apoiar o milagre. Não obstante, argumenta ainda que o empirista não afirma que os relatos dos milagres sejam suficientes para provar um milagre, pois é necessário avaliar a força da evidência para provar um milagre; mas disso não se segue que Hume rejeite por inteiro sua

¹Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral, S.P: UNESP, 2004, p. 160. Cf. A. Flew, *Hume's Philosophy of Belief*, p. 176 n3 (Apud Fogelin 1990, p.81).

possibilidade. Neste contexto, nossa pesquisa se concentra na análise e avaliação referente à mudança de interpretação sobre a crença dos milagres em Hume tomada por Fogelin.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho foi realizado mediante leitura, análise e interpretação, tanto das obras principais como dos textos referente à literatura especializada. Resultando no levantamento bibliográfico acerca do tema proposto, no projeto apresentado ao programa de iniciação científica (PIBIC/UFPE/CNPq). As leituras realizadas intentavam uma leitura capaz de dar conta dos objetivos de uma “produção” filosófica. O resultado desse levantamento acarretou no desencadeamento do processo interpretativo sobre os argumentos principalmente de Hume, e de Spinoza.

RESULTADOS

Fogelin defende em seu livro a probabilidade de que um testemunho sustente a ocorrência de um evento miraculoso, no entanto, não podemos considerá-la de tal forma. A análise desse suposta proposta de Hume (exposta na seção X) se subdivide em duas formas: direta e indireta, a primeira diz respeito a qualidade do testemunho, e segundo a natureza do evento. A partir da sua interpretação, Fogelin nos apresenta o que Hume estaria tratando – vale ressaltar que se tratava de um argumento a priori contra os milagres –, primeiramente, estaria contrapondo ideias. Caso contrário, se afirmássemos a interpretação tradicional, toda discussão em torno do assunto aqui trabalhado seria irrelevante. Mas Fogelin não para por aqui, ele acredita que Hume rejeita suas conclusões na parte I da seção X.

Abrindo um parêntese para analisar o que foi esboçado pelo filósofo escocês na parte II do ensaio, na qual ele supostamente aceitaria a ocorrência dos milagres com base no testemunho: “Na argumentação precedente, supusemos que o testemunho sobre o qual se funda um milagre poderia equivaler a uma prova cabal, e que a falsidade deste seria um verdadeiro prodígio” (HUME, p. 162). Contudo, mais a frente Hume esclarece sua suposição, nos levando a uma análise moral acerca do sujeito que relataria tal evento. Diante do relato, deveríamos atestar uma quantidade considerável de homens, e mais importante que isso, tais homens deveriam ter “bom senso, educação e saber tão inquestionáveis que nos garantam contra toda possibilidade de estarem eles próprios enganados” (HUME, p. 162) para avaliar tal testemunho requerer-se-á vários sujeitos íntegros e sãos. Em segundo lugar, não podemos esquecer que eventos semelhantes observados várias vezes, mostrando poucas alterações, devem ser considerados superiores aos menos usuais, por isso: “onde há oposições de argumentos devemos dar a preferência aos que estão apoiados no maior número de observação passadas” (HUME, P. 163). Por último, temos o argumento que poderia nos chocar, devido ao seu conteúdo antropológico e politicamente incorreto, mas, devemos deixá-lo de lado, e partir para nossa análise filosófica. De todos os milagres ocorridos em nações majoritariamente bárbaras e ignorantes, e isso reflete uma dificuldade em dar credibilidade, tendo em vista, que seus sacerdotes poderiam facilmente enganá-los para reproduzir – ainda com mais fascinação – esses eventos tidos como milagres.

DISCUSSÃO

O nosso polêmico tema, que vem sendo debatido há dois anos, continua nos rendendo interpretações distintas em relação aos dois filósofos estudados (mas vale ressaltar que Hume obteve minha maior atenção). Spinoza não nos deixa às voltas com nenhum de seus argumentos. É quase um consenso entre os especialistas do tópico, tratar o tema dos milagres nos moldes de *Impossibilidade*. Vamos reforçar os quatro argumentos do filósofo racionalista sobre a (im)possibilidade da ocorrência de pelo menos um milagre bíblico. São

eles: nada ocorre que contrarie às leis universais da natureza, já que elas sempre se mantiveram fixas e imutáveis, jamais contrariando a ordem de Deus, pois, os acontecimentos sempre estão de acordo com Sua necessidade e perfeição (1). Não é possível conhecer a essência e a providência de Deus através dos milagres. Dar credibilidade a estes (milagres) fomentaria, antes de tudo, o próprio *ateísmo* (2). Spinoza defende que os milagres relatados na bíblia não passam de eventos naturais, pois, esses decretos divinos são apenas a própria manifestação da ordem da natureza. Os mandamentos divinos acontecem em consonância com as leis da natureza, e não como acredita o vulgo, que a sua ordem foi interrompida e deixou de agir. (3). O impasse referente às interpretações bíblicas acerca dos milagres se dá pela falha interpretativa, no sentido de que as narrações teriam sido feitas *alegoricamente* (4). Estes quatro argumentos supracitados, fundamentam a posição de Spinoza, que como dissemos acima, é extremamente contra a possibilidade de milagres terem ocorrido.

De acordo com Hume, podemos dizer que seus dois argumentos utilizados contra a existência dos milagres são menos inflexíveis que os de Spinoza. Ressaltando as interpretações contrárias formuladas por Robert Fogelin, que comenta a famosa interpretação tradicional. Hume *não apresentaria um argumento a priori para mostrar que os milagres não são possíveis* (i), *nem para mostrar que o testemunho, por mais forte que seja, nunca seria razoável para nos fazer acreditar que um milagre teria ocorrido* (ii)². Fogelin afirma também que Flew se opõe a essa interpretação, ao defender que Hume não intenta fornecer este argumento a priori contra (ii). Por outro lado, Flew admitiria a primeira parte da interpretação (i), dizendo que Hume não apresenta o argumento a priori, pois como os milagres são questões de fato, eles não podem ser negados a priori. Hume afirma que “[...] a prova contra a um milagre, pela própria natureza do fato, é tão cabal quanto qualquer imaginável derivado da experiência.”³, o que implica uma contraposição de “provas”, a qual deve ser decidida com base na experiência passada e na evidência mais provável. Opondo-se a Flew, Fogelin afirma que podemos identificar no interior da filosofia Humeana passagens nas quais Hume se opõe claramente à primeira parte da interpretação tradicional. Para provar essa posição, Fogelin cita a passagem supramencionada, na qual Hume afirma que a prova contra um milagre é suficiente forte quanto qualquer argumento *empírico*. E outra passagem seria na qual o filósofo escocês afirma que uma experiência uniforme equivale a uma prova contra a existência de um evento miraculoso: essa prova não pode ser destruída, nem o milagre se tornar crível (Hume, 2004, p. 160). Em que pese essa diferença, a concepção de milagre como violação das leis da natureza é claramente inspirada na formulação de Spinoza, como concluímos na pesquisa anterior.

CONCLUSÕES

Diante do exposto até aqui, sabemos que para Spinoza os milagres são fenômenos naturais e devem, por conseguinte, serem explicados de modo que não pareçam algo novo ou contrário a natureza, mas sim, como totalmente inseridos na ordem natural de todas as coisas. Logo, não cabe tratá-los enquanto fenômeno sobrenatural. Por outro lado, Hume defende que os milagres atribuem-se sem qualquer variação às profecias. De fato, todas as profecias são genuinamente milagres, e só como tais podem admitir-se como prova de uma revelação. Se as profecias não ultrapassassem a capacidade da mente humana, seria um absurdo empregar qualquer profecia como argumento necessário para missão divina ou vontade de Deus na terra. Daí conclui-se, levando tudo em consideração, que a religião cristã é originalmente fundada nos milagres e também qualquer pessoa em situação

²In: *What Hume Actually Said About Miracles. Hume Studies Volume XVI, Number 1 (April, 1990) 81-87.*

³ Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral, UNESP; 2004 p. 160. Cf. A. Flew, *Hume's Philosophy of Belief*, p. 176 n3. Apud Fogelin 1990, p.81.

razoável não pode dar crédito a uma religião sem um acontecimento miraculoso. Mas a mera razão, segundo Hume, não é suficiente para nos assegurar da veracidade do milagre, e qualquer um que seja movido pela fé está consciente de um constante milagre em si próprio, subvertendo todos os princípios de seu entendimento, acreditando no que existe de mais contrário ao costume e a experiência. Isto, evidentemente, é pura ironia.

Não podemos esquecer que ambos trataram milagres como eventos naturais ao curso da natureza. E se analisarmos de acordo com a definição do vulgo, Spinoza afirmaria que é impossível que um único milagre tenha ocorrido, e Hume negaria sua ocorrência de modo mais brando, afirmando que a chance é quase zero. Podemos concluir que as possíveis mudanças de David Hume em torno das suas conclusões (apresentado no tópico anterior deste relatório), são ilusórias tendo em vista que o empirista apresenta, de fato, de um argumento a priori na primeira parte do ensaio e que ele serve como ponto de partida para o debate levantando na segunda parte.⁴ Para que não restem dúvidas sobre o posicionamento de David Hume, finalizaremos com uma passagem – de tantas – do ensaio, na qual ele afirma com muita clareza seu posicionamento sobre o caloroso debate:

Peço que se observem as ressalvas aqui introduzidas, quando digo que um milagre jamais pode ser provado de modo a tornar-se a fundação de um sistema religioso. Pois admito que, em outros casos, podem existir⁵ milagres ou violações do curso habitual da natureza, de um tipo capaz de admitir prova por meio do testemunho humano, embora seja talvez impossível encontrar algum em todos os registros da história. (§36)

Talvez Hume seja até mais rigoroso que Spinoza, já que supostamente admite uma possível prova, para usá-la como exemplo do caráter dúbio dos homens, e até mesmo do seu grau de instrução. Levando-nos a concluir a tão mencionada improbabilidade dos milagres.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e a PROPESQ e ao orientador da pesquisa, Prof. Dr. Juan Adolfo Bonaccini. Por fim, agradeço a Bianca Cruz e Milena Andrade pelas correções e paciência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO. Anice Lima. **O problema dos milagres em Hume**. Belo Horizonte: Segrac editora e gráfica limitada. 2005.

FOGELIN, R. J. **A Defense of Hume on Miracles**, New Jersey: Princeton University Press. 2003

HUME, David. **Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. UNESP: S. Paulo, 2004.

NADLER, S. **Um Livro Forjado no Inferno: o tratado escandaloso de Espinosa e o nascimento da era secular**. Tradução de Alexandre Morales. Três Estrelas: S. Paulo, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Teológico-político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Martins Fontes: S. Paulo, 2003. 1º ed.

⁴A primeira parte da seção dos milagres, onde encontramos o argumento a priori, é realizada para que uma segunda parte, que tratará de um argumento a posteriori acerca da avaliação de crenças, fosse possível. Assim, o argumento a priori é o pano de fundo do ensaio sobre os milagres, onde o principal tema será a crença no testemunho humano. (ARAÚJO, p. 169)

⁵Aproveitamos essa citação para esclarecer que o termo “existir” não se aplica aos milagres, haja vista que se tratam de eventos, e não de objetos, portanto, é válido utilizar o termo “ocorrência”.



**XXIII CONIC
VII CONITI
IV ENIC**